



Diocese de Lausanne, Genève e Fribourg

Carta Pastoral

« Ser cristão, o que é? »

Mgr Charles MOREROD OP

Fevereiro 2016

Ser cristão, o que é? Gosto de fazer a pergunta, e tenho constatado que, o que poderia parecer bem conhecido não o é... Em francês, podemos dizer que "cristão" vem de "Cristo" e significa estar com Cristo. Em alemão, a resposta é mais sóbria, porque "cristão" diz-se "Cristo". Por outras palavras, parece que vendo-nos deveriam ver a Cristo.

No entanto, muitas vezes, ocultamo-Lo... Também entre nós vemos todo o tipos de problemas, de gravidade variável, incluindo os escândalos: abusos sexuais, peculato, etc. E o nosso tempo dá-nos uma imagem da religião como factor de violência a tal ponto que, muitos pensam que se eliminássemos todas as religiões (cada uma com a sua história de violência), o mundo seria melhor. Nestas condições tornou-se-nos difícil falar sobre questões morais, porque se nos convida primeiro a pôr a casa ordem e a deixar os outros em paz.

Não é errado censurarmo-nos, o próprio Jesus já o tinha feito e com força: "Se alguém escandalizar um destes pequeninos que crêem em mim, seria preferível que lhe suspendessem do pescoço a mó de um moinho e o lançassem nas profundezas do mar" (Mt 18,6). E, em 1965, o Concílio Vaticano II reconheceu uma

responsabilidade dos cristãos no ateísmo: "Nesta gênese do ateísmo, os crentes podem ter uma responsabilidade que não é pequena, na medida em que, por negligência na educação da sua fé, ou por apresentações errôneas da doutrina e, também, pelos fracassos da sua vida religiosa, moral e social, podemos dizer deles que velam o verdadeiro rosto de Deus e da religião mais que o revelam" (Constituição sobre a Igreja no mundo moderno, § 19).

Reconhecendo a nossa responsabilidade, estaremos a reduzir-nos ao silêncio, a esconder vergonhosamente a nossa fé? Na verdade, o que se espera encontrar na Igreja? Pessoas perfeitas, mais bonitas, mais inteligente etc. ? Será essa a pretensão da Igreja, quando se diz santa por causa da santidade de Cristo? Se a Igreja fosse a comunidade perfeita, qual de nós a ela se sentiria convidado? Quanto a mim, provavelmente, iria admirar esses perfeitos, mas à distância. Se Jesus nos critica, também nos diz que é precisamente porque conhece o nosso pecado que Ele vem até nós: "Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores" (Marcos 2:17).

Então, é olhando para nós que se pode entender o que significa ser cristão? Olhando para nós com a nossa cota-parte de escândalo? Na verdade, vemos que somos muito pouco cristãos, e essa é uma das razões de escândalo: a diferença entre o que proclamamos e o que vivemos. Essa diferença sempre vai existir, porque nós não nos anunciamos a nós mesmos; anunciamos Jesus Cristo, Deus feito homem, morto e ressuscitado por nós.

Ser cristão não é, assim, integrar um grupo cheio de defeitos. É estar com Cristo, partilhando a Sua vida no Seu corpo que é a Igreja, que se alimenta da Eucaristia escutando o Evangelho. Identificar a nossa fé aos nossos defeitos, é um erro: o que é certo é que nos comparemos com o Evangelho. Veremos que o vivemos muito pouco, mas isso não desvaloriza o Evangelho. É por isso que nenhum de nós deve perder a esperança. Quando perguntado ao Papa quem ele é, este responde: "um pecador". Será esta uma resposta desesperada? Não, porque o cristão pecador que somos todos nós, não gasta o seu tempo a olhar para si mesmo, ele olha para o seu Salvador, para Jesus.

Querem saber o que é um cristão? Não olhem primeiro para nós, para os cristãos. Olhem para a Cruz

onde Deus mostra que nos aceita como somos, que nos ama até ao fim e nos conduz à vida eterna através das estradas sinuosas da nossa existência.

Tinha escrito uma outra carta e desisti porque me disse que não poderia fingir não ter consciência de determinados factos que mancham a nossa imagem. No entanto, não paro aí completamente o meu olhar, como se a vida da Igreja não tivesse também a sua cota-parte de grande beleza: eu vejo, aqui e agora, quantos cristãos que rezam na sombra e, silenciosamente ajudam tantas pessoas que sofrem; por isso muitas pessoas estariam sozinhas se os crentes não os ajudassem por causa do amor de Deus. Não é esse o "hospital de campanha", onde toda a ferida é tratada, a que o Papa gosta de comparar a vocação da Igreja?

O grande dinamismo do Ano da Misericórdia mostra onde colocamos a nossa esperança: no perdão de Deus. E que dinamismo surpreendente neste Ano da Misericórdia, que expectativas ele expressa: nunca teria esperado que, na abertura da Porta Santa da Catedral, num domingo à noite às 20h30, não houvessem lugares suficientes! O perdão de Deus renova o mundo a partir de dentro: sem perdão, não

há realmente nenhuma esperança, mesmo entre nós mesmos. Não é à toa que o papa insiste que este ano seja também uma oportunidade para redescobrir como a confissão nos pode libertar.

Finalmente, é verdade que a religião pode ser causadora de violência. Se o fôr por causa dos cristãos é porque não somos suficientemente cristãos. O Evangelho não nos convida à violência! Por outro lado, o que seria do mundo se removéssemos a religião? O mundo sem religião seria um mundo pacífico e feliz? Estamos constantemente a descobrir novos contributos da religião aí onde se estava a considerar as questões em separado. Assim, o Papa aplica à preservação do meio ambiente uma reflexão até agora quase exclusivamente reservada para as relações entre os seres humanos, ou seja, o lado essencial das grandes motivações religiosas, sem as quais se pode correr o risco de pensar primeiro o seu próprio bem e ceder ao cinismo. O conhecimento, cada vez mais desenvolvido no campo da ecologia, como em qualquer questão social, ajudam a identificar as dificuldades. Mas não são suficientes para encontrar uma resposta e, é aí que o Papa mostra a contribuição da religião: "qualquer solução técnica que as ciências pretendam oferecer

será impotente para resolver os graves problemas do mundo, se a humanidade perde o seu rumo, se esquecer as grandes motivações que tornam possível a convivência social, o sacrifício, a bondade" (Encíclica 'Laudato Si', § 200). Quando se é cristão, unido a Cristo, então temos uma motivação radical: "Se Deus assim nos amou, também nós devemos amar uns aos outros" (1 João 4:11).

Vou terminar na primeira pessoa do singular, imaginando que os outros assim também se possam reconhecer. Querem saber o que é um cristão? Olhem para Cristo, não olhem para mim ,que eu não valho a pena, Ele sim! N'Ele está a nossa esperança, e eu entrego-me para vo-la tornar conhecida. Eu anuncio o Evangelho como esperança para os pobres como eu: anuncio-o porque ele é a fonte maior da paz e de alegria, porque fazendo-Se homem Deus sabia o que fazia e, não morreu por nada!



Diocese de Lausanne, Genève e Fribourg

rue de Lausanne 86, case postale 512, CH-1701 Fribourg | +41 26 347 48 50
chancellerie@diocese-kgf.ch | www.diocese-kgf.ch